

Saúde, reprodução social e o trabalho feminino em Lise Vogel: uma revisão integrativa

Health, social reproduction and women's work in Lise Vogel: a integrative review

Nayara Rúbio Campos¹ (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5878-4894>)

Leonardo Carnut² (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6415-6977>)

¹Especializanda em Economia e Gestão em Saúde da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP).

²Professor Associado. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Resumo

Este estudo visou revisar o que a literatura científica apresenta sobre a saúde na obra de Lise Vogel. Para isso, foi realizada uma revisão sistemática do tipo integrativa, utilizando como fonte de dados o Google Acadêmico por meio de dois pólos derivados da pergunta: 'saúde' (fenômeno) e 'Lise Vogel' (referência teórica). Os limites de idioma foram português, inglês e espanhol. Os dados foram analisados de maneira integrada e crítica. Das 1426 publicações identificadas restaram 7 artigos para inclusão nesta revisão. Sobre os conteúdos analisados dos artigos, construiu-se 4 categorias de análise onde os dados puderam ser integrados: 'métodos usados dos estudos revisados'; 'características da Teoria da Reprodução Social (TRS) em Lise Vogel'; 'aproximações da TRS em Vogel com a dimensão 'saúde''; e 'caminhos para emancipação feminina apresentada pelos artigos revisados'. Conclui-se que os estudos revisados sobre a TRS em Lise Vogel recuperam, com muita coerência interna, a categoria 'totalidade' em Marx. Isto faz com que a dimensão 'saúde', em suas múltiplas aparições no curso da vida das mulheres na sociabilidade do capital, não esteja cindida da produção capitalista e da lógica do valor.

Descritores: Mulheres Trabalhadoras. Saúde. Capitalismo.

Abstract

This study aimed to review the scientific literature on health in the work of Lise Vogel. To this end, a systematic, integrative review was conducted using Google Scholar as a data source, focusing on two categories derived from the question: "health" (phenomenon) and "Lise Vogel" (theoretical reference). The language limits were Portuguese, English, and Spanish. The data were analyzed in an integrated and critical manner. Of the 1,426 publications identified, seven articles remained for inclusion in this review. Based on the analyzed content of the articles, four categories of analysis were constructed, allowing the data to be integrated: "methods used in the reviewed studies"; "characteristics of Social Reproduction Theory (SRT) in Lise Vogel"; "approximations of SRT in Vogel with the dimension of "health""; and "paths to female emancipation presented in the reviewed articles." We conclude that the reviewed studies on Lise Vogel's TSR recover, with considerable internal coherence, the category of "totality" in Marx. This means that the dimension of "health," in its multiple appearances throughout women's lives within the sociability of capital, is not separated from capitalist production and the logic of value.

Keywords: Women, Working. Health. Capitalism.

Introdução

A Teoria da Reprodução Social (TRS) tem o seu conceito ancorado na relação entre o capitalismo e a opressão às mulheres. A perspectiva da reprodução social busca entender como a dinâmica de acumulação de capital continuamente cria, transforma e renova relações hierárquicas e opressivas. Além disso, a TRS propõe-se a ampliar a investigação sobre os processos ligados à manutenção e regeneração da força de trabalho que não foram explorados por Marx ‘em detalhes’, já que, não é possível dizer, que Marx tenha ignorado as desigualdades relacionadas à divisão sexual do trabalho. Pelo contrário, Marx tratou da temática, ainda que seja de maneira consequencial, como pode ser visto em vários trechos de sua vasta obra, incluindo *O Capital* (MARX, 2013).

Ainda, se tomarmos Engels em A situação da classe trabalhadora na Inglaterra (ENGELS, 2010), o autor parte da reprodução social (cuidados, vestimentas, alimentação, saúde, educação, etc.) para entender o modo em que a classe trabalhadora vivia sob o capitalista de sua época. Assim, a reprodução social não é tema lateral na teoria marxiana, e, é nesse sentido que a Teoria da Reprodução Social (TRS) vem a dar à temática do lugar feminino nesta reprodução.

Logo, partindo da premissa de que as atividades essenciais para a reprodução da força de trabalho constituem a base do sistema capitalista, pois garantem tanto a manutenção dos trabalhadores quanto a continuidade do próprio sistema, temos a fundamentação da TRS. Tais atividades são feitas majoritariamente por mulheres cujo modo produção capitalista herda e aprofunda a divisão sexual do trabalho consolidada milenarmente, inculcando nela as condições próprias de um trabalho “improdutivo”. Ou seja, nenhuma ou baixíssimas remunerações ou valorização (excluindo-o ao máximo do circuito do valor), tanto num âmbito particular de “dentro de casa”, quanto no âmbito da comunidade (BHATTACHARYA, 2019).

Essa compreensão nos leva a considerar que a reprodução social é tão necessária para a sobrevivência do capitalismo quanto a esfera da produção social. O capitalismo não se sustenta apenas pela acumulação de capital pela produção de mercadorias, mas também pela produção de pessoas, pelas relações de reprodução da força de trabalho que existem fora da esfera da produção de mercadorias e acumulação direta de mais valor (BORDON, 2021).

De acordo com Arruza (2023), a reprodução social pode se dar em três esferas distintas. Em primeiro lugar, nas famílias, nos lares domésticos; outra forma é pela via do Estado, onde uma série de trabalhos de reprodução foram socializados em instituições

públicas (escolas, hospitais, etc.) e, por fim, pelo neoliberalismo, a partir de cortes nesses serviços públicos, produzindo um aumento da carga de reprodução social nas famílias.

Existem pelo menos três esferas nas quais ocorre a reprodução social. É evidente que a família continua a ser a principal, mas há uma série de trabalhos reprodutivos que foram socializados, de fato, pelo Estado e que são realizados por meio de instituições públicas (escolas, hospitais etc.). A neoliberalização da reprodução social implica em cortes nesses serviços públicos, produzindo um aumento da carga de reprodução social nas famílias. Essa é a novidade: no neoliberalismo, a ideia de reprodução social aparece como um campo que também pode ser **fonte de lucro**. Isso é particularmente verdadeiro em países desenvolvidos e áreas urbanas, onde boa parte do trabalho de reprodução social pode, de fato, ser transformado em produtor de lucro (ARRUZA, 2023) [grifo nosso].

Desta forma, entende-se que as mulheres sustentam a estrutura social e econômica da sociedade e que seu trabalho é indispensável para tal organização funcionar, pois esse trabalho está no centro da reprodução social e biológica da vida humana, e, neste contexto, da teorização da produção e reprodução da força de trabalho, a feminista-socialista Lise Vogel, busca por uma explicação teórica única (teoria unitária) e integrada tanto da opressão às mulheres quanto do modo de produção capitalista.

Conforme introdução de Ferguson e McNally (apud Vogel, 2014), a obra de Lise Vogel publicada pela primeira vez em 1983, emergiu em um contexto de profunda crise do movimento feminista-socialista, responsável por moldar os próprios parâmetros do livro. Com o feminismo socialista fragilizado pelo avanço do neoliberalismo na esfera política, pela influência da teoria pós-moderna no campo intelectual e pelo recuo dos movimentos socialista, da classe trabalhadora e de mulheres, sua presença se restringiu a uma posição precária na vida política e intelectual. Enquanto, uma década antes, um livro como o de Vogel teria provocado intensos debates, em meados da década de 1980 quase passou despercebido. Ainda assim, afirmam os autores, a originalidade da análise de Vogel permitiu que sua obra persistisse, mesmo à margem, impedindo seu completo esquecimento.

Segundo Ruas (2020), a autora estabeleceu como premissa de sua investigação a produção diária e geracional da força de trabalho, categoria essencial para a teoria do valor, questionando como essa mercadoria especial – responsável pela produção de maisvalor e de todas as outras mercadorias – seria produzida e reproduzida em uma sociedade capitalista. Isto conduziu à uma análise mais profunda da relação lógica e sistêmica existente entre produção capitalista e os processos cotidianos de produção da vida, realizados, em sua maioria, através de trabalho feminino – remunerado ou não – no âmbito doméstico e na esfera do cuidado. Nesta perspectiva Ferguson e McNally (2022)

apontam que as raízes sociomateriais da opressão às mulheres sob o capitalismo têm a ver, na verdade, com a relação estrutural do lar com a reprodução do capital: o capital e o Estado precisa regular sua capacidade biológica para produzir a próxima geração de trabalhadores, de modo que a força de trabalho esteja disponível para a exploração.

Assim, para Aruzza (2023) a TRS implica falar em reprodução material e física da força de trabalho porque, como é evidente, se nossos corpos não estiverem vivos e saudáveis, não haverá reprodução social.

Em outras palavras, a reprodução geracional da força de trabalho implica, em primeiro lugar, que as trabalhadoras têm que existir, isto é, elas têm que ser produzidas biologicamente; mas, em segundo lugar, que elas têm que se reproduzir diariamente: elas precisam repor suas forças não apenas fisicamente, mas também mental e psicologicamente. Isso implica na socialização das futuras trabalhadoras, independentemente de elas terem chance de entrar no mercado de trabalho e conseguir um emprego (ARRUZA, 2023).

Bhattachyara (2022) nos coloca que, na realidade, para o bem e saúde do sistema como um todo, o Estado capitalista precisa sair ao socorro da família (o que justifica as políticas familistas) porque o capital industrial está empurrando toda a classe trabalhadora para o processo produtivo e destruindo a reprodução da força de trabalho.

Portanto, o Estado capitalista cria legislação para salvar as famílias operárias. As primeiras leis serviram para limitar o trabalho infantil, de forma que mulheres e crianças não pudessem mais trabalhar nas fábricas. Em 1847, foi aprovada a jornada de 10 horas. Em 1842, foi aprovada a legislação sobre o trabalho nas minas e as mulheres não podiam mais entrar para trabalhar nas minas, porque são “criaturas tão frágeis” que não devem mais entrar para trabalhar lá. Entre 1833 e 1874, foram criadas muitas leis industriais para reduzir a jornada de trabalho, etc. E, na minha opinião, o capítulo mais bonito do volume I d’*O Capital* é aquele que Marx dedica à jornada de trabalho, capítulo que deveria ser lido em uníssono com o livro de Engels (BHATTHACHYARA, 2022).

É neste sentido que tal reflexão pode ser feita: a inclusão das políticas de saúde voltadas às mulheres pelo Estado Social pode ser entendida como um instrumento de manutenção do modo de produção capitalista? Assim sendo, já que a saúde dos corpos da classe trabalhadora é uma parte considerável da existência da reprodução social, é que este trabalho tem com preocupação entender como a teoria da reprodução social elaborada por Lise Vogel apresenta sobre o papel da mulher na saúde de sua família como parte constitutiva da reprodução social no capitalismo. Logo, diante desta pergunta o objetivo deste trabalho é revisar como a produção científica de Lise Vogel discute a dimensão saúde no trabalho feminino reprodutivo.

Método

Para responder à pergunta do presente estudo: “o que a literatura científica apresenta sobre a saúde na obra de Lise Vogel?” foi realizada uma revisão sistemática do tipo integrativa.

A revisão sistemática é a utilização de estratégias científicas que delimitam uma perspectiva de seleção de artigos (Perissé; Gomes & Nogueira, 2001 *apud* Botelho; Cunha & Macedo, 2011). De acordo com Botelho, Cunha e Macedo (2011), a revisão sistemática do tipo ‘integrativa’ proporciona um levantamento sintético e sistemático de informações acerca de uma temática específica. Essa metodologia tem como objetivo analisar o conhecimento já consolidado em pesquisas anteriores sobre determinado assunto.

A combinação de diferentes dados exige um processo analítico rigoroso, uma vez que envolve a articulação de múltiplas informações e perspectivas. Dessa forma, é fundamental adotar uma abordagem criteriosa para garantir a confiabilidade e a precisão dos resultados.

O porquê de Lise Vogel?

A escolha de Lise Vogel como objeto central de um artigo é justificada por sua contribuição seminal e multifacetada para o pensamento feminista e materialista, particularmente no desenvolvimento da Teoria da Reprodução Social (TRS). Sua trajetória de vida, formação acadêmica, ativismo e, sobretudo, suas obras, a posicionam como uma figura indispensável para a compreensão das intersecções entre opressão de gênero, capitalismo e a reprodução da força de trabalho.

Lise Vogel nasceu e cresceu em Nova York na década de 1950, filha de pais instruídos de ascendência judaico-alemã. A filiação de sua mãe ao Partido Comunista nos Estados Unidos a fez vivenciar "sentimentos de contradição, marginalidade e pavor", um aspecto que ela mesma lembrou na introdução de sua obra *Women Questions: Essays for a Materialist Feminism*. Sua formação acadêmica é diversificada, com bacharelado e doutorado em história da arte pelo Radcliffe College. Posteriormente, ela obteve um segundo doutorado em sociologia pela Brandeis University, o que demonstra sua busca por uma compreensão mais ampla das estruturas sociais e culturais.

Durante seus estudos de doutorado em história da arte, Vogel esteve profundamente envolvida em movimentos sociais importantes. Ela participou ativamente do movimento pelos direitos civis e protestou contra a Guerra do Vietnã, chegando a ser

presa duas vezes. Essas experiências de ativismo tiveram uma influência significativa em sua carreira e moldaram seu interesse na interseção de questões sociais e acadêmicas. Seu engajamento com o movimento de libertação feminina a inspirou diretamente a publicar sua obra fundamental "Marxismo e a Opressão das Mulheres: Rumo a uma Teoria Unitária".

Lise Vogel é uma figura central para qualquer estudo que busque analisar a complexa interação entre gênero, trabalho, saúde e capitalismo, oferecendo um arcabouço teórico robusto e inovador para tais investigações.

Fonte de dados

Foi realizada uma revisão sistemática do tipo integrativa, utilizando como fonte de dados o Google Acadêmico (*Google Scholar*). A opção pela presente abordagem fundamenta-se na constatação de que a teoria da autoria de Lise Vogel permanece relativamente subexplorada no cenário acadêmico, sendo ainda pouco discutida em periódicos científicos de ampla circulação. Realizaram-se buscas sistemáticas em bases de dados internacionais reconhecidas, tais como *Taylor & Francis*, *JSTOR*, *Project Muse* e *SpringerLink*, não sendo localizados artigos ou revisões que se enquadrassem no escopo do trabalho. O Google Acadêmico, por sua vez, permite o acesso a publicações de revistas locais, ampliando as possibilidades de encontrar pesquisas mais alinhadas ao tema do estudo.

Este cenário evidencia uma lacuna na produção científica, ressaltando a relevância de aprofundar o debate em torno das contribuições de Vogel.

Estratégia de busca

A estratégia de busca foi baseada na identificação dos principais polos da pergunta, sendo estes: “saúde” definida como ‘fenômeno’ e “Lise Vogel” definida como ‘referência teórica’ central. Após a identificação destes itens chaves, elegemos os termos livres correspondentes a cada item chave, sendo que para o polo fenômeno (*saúde*), foram selecionados como termos livres para pesquisa: “serviços de saúde”; “saúde pública”; “política de saúde”; “saúde coletiva”; “atenção à saúde”; “saúde da família”; “atenção primária à saúde”; “gestão em saúde”; “gastos em saúde”; “avaliação econômica em saúde” e “saúde do trabalhador”. Para a referência teórica central (*Lise Vogel*) foram definidos os seguintes termos livres: “teoria da reprodução social”; “teoria unitária”; “marxismo”; “capitalismo”; “opressão às mulheres”; “luta de classes”; “patriarcado”;

“divisão sexual do trabalho”; “feminismo”; “classe social”; “trabalho doméstico”; “mais-valor”. Optou-se pelo recorte temporal de 2014 a 2024 por incluir a publicação da tradução brasileira da obra de Lise Vogel (Marxismo e a opressão das mulheres, publicada pela Boitempo em 2014), fato que ampliou o acesso e potencializou novos estudos no contexto de língua portuguesa.

O quadro abaixo representa a seleção de itens-chaves e termos livres utilizados nas buscas.

Quadro 1. Polo, itens-chave e termos livres, segundo os principais elementos da pergunta de pesquisa da revisão. Março-2025.

Polo	Itens-chave	Termos livres
Fenômeno	Saúde	“Serviços de Saúde”
		“Saúde Pública”
		“Política de Saúde”
		“Saúde Coletiva”
		“Atenção à Saúde”
		“Saúde da Família”
		“Atenção Primária à Saúde”
		“Gestão em Saúde”
		“Gastos em Saúde”
		“Avaliação Econômica em Saúde”
		“Saúde do Trabalhador”
		“Teoria da Reprodução Social”
		“Teoria Unitária”
		“Marxismo”
“Capitalismo”		
Referência Teórica	Lise Vogel	“Opressão às mulheres”
		“Luta de Classes”
		“Patriarcado”
		“Divisão Sexual do Trabalho”
		“Feminismo”
		“Classe Social”
		“Trabalho Doméstico”
		“Mais-valia”

Fonte: elaboração dos autores.

As estratégias de busca foram elaboradas a partir da combinação de termos livres, utilizando o operador booleano AND para refinar os resultados e garantir a inclusão de todos os polos considerados na pesquisa. No quadro 2, estão detalhadas as estratégias adotadas, incluindo a data de realização das buscas e o número de publicações encontradas em cada caso.

Quadro 2. Identificação da estratégia de busca, estratégias de associação dos termos livres, data da realização das pesquisas e o total de publicações encontradas. Março-2025.

Termos livres associados	Data da pesquisa	Publicações
"Serviços de Saúde" and "Teoria da Reprodução Social"	30/11/2024	114
"Serviços de Saúde" and "Teoria Unitária"	30/11/2024	115

"Serviços de Saúde" and "Opressão às mulheres"	30/11/2024	123
"Saúde Pública" and "Teoria da Reprodução Social"	30/11/2024	186
"Saúde Pública" and "Teoria Unitária"	30/11/2024	213
"Saúde Pública" and "Opressão às Mulheres"	30/11/2024	376
"Atenção Primária à Saúde" and "Teoria da Reprodução Social"	30/11/2024	13
"Atenção Primária à Saúde" and "Teoria Unitária"	30/11/2024	10
"Atenção Primária à Saúde" and "Opressão às Mulheres"	30/11/2024	23
"Gestão em Saúde" and "Teoria da Reprodução Social"	30/11/2024	4
"Gestão em Saúde" and "Teoria Unitária"	30/11/2024	4
"Gestão em Saúde" and "Opressão às Mulheres"	30/11/2024	35
"Gastos em Saúde" and "Teoria da Reprodução Social"	30/11/2024	2
"Gastos em Saúde" and "Teoria Unitária"	30/11/2024	2
"Gastos em Saúde" and "Opressão às Mulheres"	30/11/2024	1
"Lise Vogel" and "Serviços de Saúde"	30/11/2024	30
"Lise Vogel" and "Saúde Pública"	30/11/2024	47
"Lise Vogel" and "Política de Saúde"	30/11/2024	15
"Lise Vogel" and "Saúde Coletiva"	30/11/2024	9
"Lise Vogel" and "Atenção à Saúde"	30/11/2024	8
"Lise Vogel" and "Saúde da Família"	30/11/2024	5
"Lise Vogel" and "Atenção Primária à Saúde"	30/11/2024	4
"Lise Vogel" and "Gastos em Saúde"	30/11/2024	1
"Lise Vogel" and "Saúde do Trabalhador"	30/11/2024	30
"Saúde do Trabalhador" and "Teoria da Reprodução Social"	30/11/2024	22
"Saúde do Trabalhador" and "Teoria Unitária"	30/11/2024	11
"Saúde do Trabalhador" and "Opressão às Mulheres"	30/11/2024	23
Total de publicações		1426

Fonte: Elaboração dos autores

Identificou-se que estas estratégias de busca retornavam títulos que poderiam ser potencialmente importantes para esta revisão. Assim, tratou-se de iniciar o processo de organização e seleção dos estudos identificados através do fluxograma PRISMA (figura 1).

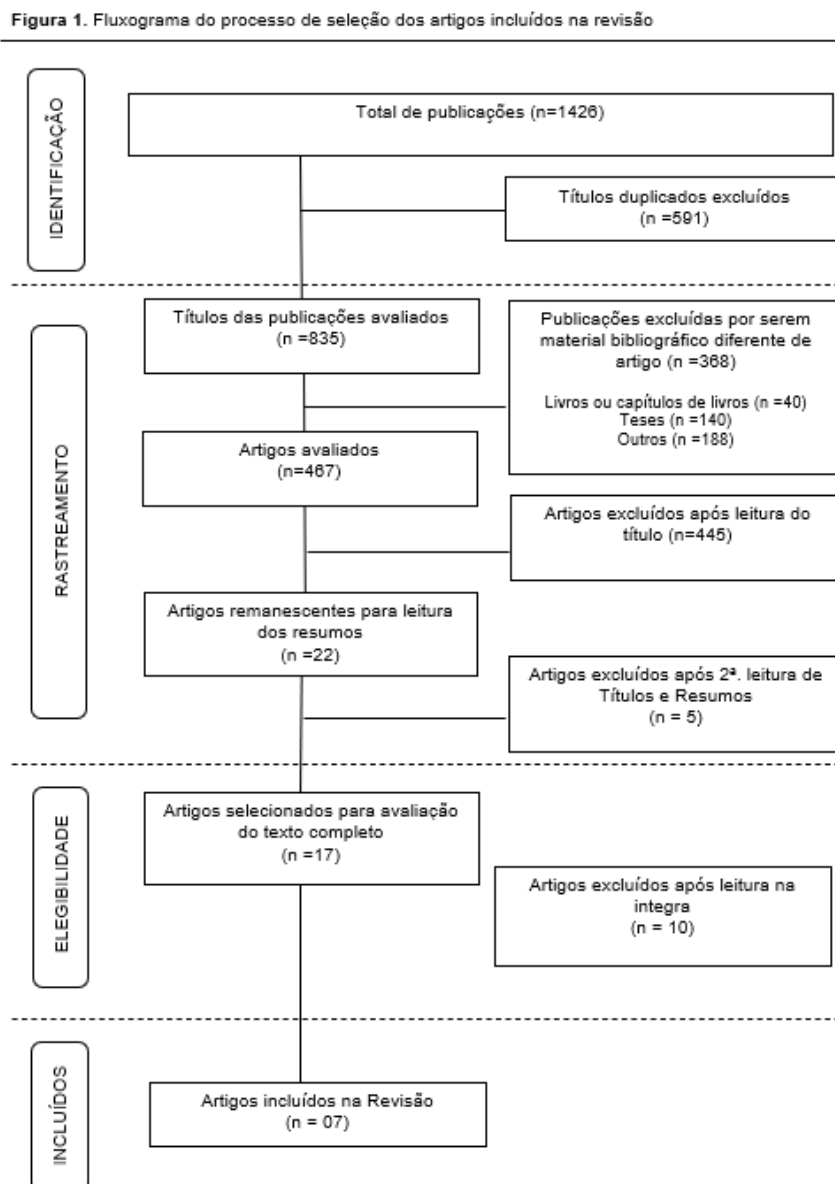
Logo, iniciou-se com 1426 publicações identificadas, sendo 591 excluídas por serem publicações repetidas entre as estratégias de busca. Das 835 publicações restantes, 368 publicações foram excluídas por serem outro material bibliográfico diferente de artigos científicos (dos quais: 140 teses, 40 livros ou capítulos de livros e 188 materiais diversos entre planos municipais de saúde, relatórios e materiais publicitários), restando 467 artigos científicos.

Dos 467 artigos científicos selecionados, 445 foram excluídos após a leitura dos títulos, pois não apresentavam relação com a pergunta da pesquisa. Esses artigos não atendiam aos critérios de conteúdo relacionado à reprodução social e/ou teoria da reprodução social e saúde, nem estabeleciam qualquer correlação relevante com o tema proposto. Assim, apenas um número reduzido de estudos seguiu para as próximas etapas de análise, garantindo que a revisão se mantivesse alinhada aos objetivos da pesquisa.

Após a exclusão de artigos com base nos títulos, os 22 artigos restantes foram

selecionados para a leitura dos resumos. Dessa etapa, mais 5 artigos foram eliminados por não apresentarem, em seus resumos, menção aos critérios de reprodução social e/ou à teoria da reprodução social e saúde, resultando em 17 artigos para a leitura na íntegra. Na sequência, após a leitura completa dos artigos, 10 artigos foram descartados por não atenderem à pergunta de pesquisa, restando 7 artigos para inclusão nesta revisão. A Figura 1, a seguir, apresenta esse fluxo de seleção de artigos em um diagrama PRISMA que sintetiza o processo de seleção dos artigos incluídos nesta revisão.

Figura 1. Fluxograma PRISMA sobre o processo de seleção dos artigos incluídos na revisão. 2025.



Fonte: elaboração dos autores.

Análise dos dados

O processo de análise dos dados dos artigos incluídos seguiu a realização do método da revisão integrativa, incluindo as etapas de extração, visualização, comparação e sintetização das conclusões dos dados. A extração de dados foi concluída de forma interdependente por 2 revisores. O formulário de extração de dados foi elaborado com base na questão de pesquisa que norteou essa revisão.

Os dados extraídos incluem autor, ano de publicação, metodologia utilizada, objetivos e os elementos que relacionam o artigo com a pergunta de pesquisa: o conceito/critérios de saúde (de forma direta, indireta ou colateralmente ao objeto estudado), o Teoria da Reprodução social e/ou reprodução social (de forma direta).

A integração dos dados foi operacionalizada pelo método da análise temática. Esse método foi escolhido porque a tipologia dos manuscritos permitia uma integração mais refinada dos dados. Dessa forma, estruturaram-se os temas de acordo com os seguintes elementos: a metodologia adotada, o conceito da Teoria da Reprodução Social, a contribuição de Lise Vogel para o desenvolvimento dessa teoria e suas implicações para o campo da saúde.

Resultados

Sete publicações foram incluídas na revisão. Todos os artigos são de autores brasileiros, em língua portuguesa e apenas um deles analisar o caso da Venezuela. Os artigos incluídos abrangem uma diversidade de abordagens e focos temáticos, todos convergindo para a relevância da TRS na análise das relações de gênero e do capitalismo. Gomes (2024) apresenta uma reflexão-síntese sobre a TRS de Tithi Bhattacharya, enquanto Borrego (2024) analisa a questão do aborto sob uma perspectiva econômica e da reprodução social. Cintra (2024) discute a situação de mulheres migrantes venezuelanas no Brasil pela ótica da TRS, e Moraes (2021) defende o método materialista histórico-dialético para o feminismo marxista, propondo uma ontologia integrativa a partir da teoria unitária. Ruas (2020) delinea os traços distintivos da TRS como uma renovação da teoria marxista e Grecco (2018) analisa os trabalhos domésticos e de cuidados sob a mesma lente teórica da TRS. Por fim, Silva (2018) aborda os limites das políticas soviéticas para as mulheres utilizando a TRS como recurso crítico. Cada um desses estudos empregou metodologias que variaram de pesquisa bibliográfica e análise teórica a coleta de dados primários através de entrevistas semiestruturadas (quadro 3).

O quadro 4 sumariza os detalhes de conteúdo que foram extraídos dos artigos que

respondem à pergunta de pesquisa desta revisão, sendo eles: as características da TRS em Lise Vogel, as aproximações da dimensão saúde e os caminhos para emancipação feminina. O quadro 4 pode ser visto em seguida.

Quadro 3. Autor, ano, objetivo e método utilizados nos artigos incluídos na revisão sistemática, Junho-2025.

Autor, ano	Objetivo	Método
Gomes FA, 2024	Apresentar uma reflexão-síntese sobre a TRS presente nos escritos de Tithi Bhattacharya	Pesquisa bibliográfica (ensaio sobre a TRS)
Borrego AE, 2024	Analisar a questão do aborto a partir de uma perspectiva econômica nos quais temas morais como este são meramente uma “cortina de fumaça” que desvia a atenção do econômico	Pesquisa bibliográfica (abordagem analítico-teórica)
Cintra AM, 2024	Contribuir com a discussão sobre a situação das meninas e mulheres no fluxo migratório venezuelano residente no Brasil pela TRS	Qualitativa, entrevistas semiestruturadas
Moraes LCG, 2021	Desenvolver a proposta de ontologia integrativa a partir da teoria unitária, alicerce da TRS	Método dialético (de exposição)
Ruas R, 2020	Apresentar os principais traços distintivos da TRS como reação prático-teórica às três décadas de acumulação neoliberal e renovação da teoria marxista no século XXI	Pesquisa bibliográfica (abordagem analítico-teórica)
Grecco FS, 2018	Analisar a problemática atual dos trabalhos domésticos e de cuidados que evoca uma renovação na teoria social, expressada no desenvolvimento feminista da TRS	Pesquisa bibliográfica (abordagem analítico-teórica)
Silva DJ, 2018	Abordar os limites teóricos e históricos das políticas soviéticas para as mulheres utilizando para isso o recurso da TRS	Pesquisa bibliográfica (abordagem analítico-teórica)

Fonte: elaboração dos autores.

Quadro 4. Autor, ano, características da TRS em Lise Vogel, aproximações da dimensão saúde e caminhos para emancipação feminina, Junho-2025.

Autor, ano	TRS em Lise Vogel	Aproximações com a dimensão ‘saúde’	Caminhos para emancipação feminina
Gomes FA, 2024	Vogel afirma que: <ul style="list-style-type: none"> a TRS é a teoria ressurgente da década passada em desenvolver um entendimento coerente marxista-feminista da vida cotidiana no capitalismo. há um desafio contemporâneo de reflexão e explicação sobre o que é a TRS. 	Aparece como parte integrante das atividades de reprodução social, tanto no âmbito do trabalho de cuidado não remunerado (familiar, doméstico, de idosos, etc.) quanto nos serviços públicos assalariados de saúde pública.	<ul style="list-style-type: none"> integração do trabalho produtivo e reprodutivo. invisibilidade e desvalorização do trabalho reprodutivo. crítica ao reconhecimento parcial pelo estado. necessidade de reconhecimento e mudança social.
Borrego AE, 2024	Vogel é relevante por: <ul style="list-style-type: none"> fundamentar a análise do aborto e da gestação do ponto de vista do trabalho de reprodução social; articular a compreensão entre produção e reprodução social no capitalismo. 	Aborto. Seja como área de conhecimento relacionada, como classificação fundamental do problema (“questão de saúde pública”), seja pelos seus impactos diretos na mortalidade materna e nos custos para o sistema público, pela forma como as barreiras ao acesso afetam a vida das pessoas, ou pela maneira como a lógica neoliberal impacta a provisão de serviços de saúde.	<ul style="list-style-type: none"> a luta pela autonomia reprodutiva e justiça reprodutiva. questionamento das bases da reprodução social no capitalismo. desconstrução da ideia de “cortina de fumaça” e crítica ao capitalismo neoliberal.
Cintra AM, 2024	Vogel é destacada por: <ul style="list-style-type: none"> realçar a importância do trabalho reprodutivo, que inclui cuidados com a casa, filhos, idosos e outros membros da família, muitas vezes realizado de forma não assalariada ou precarizada quando terceirizado. considerar o trabalho reprodutivo indispensável para a acumulação primitiva de capital, pois sem ele, os trabalhadores não estão aptos a vender sua mais-valia. ressaltar que dentro do sistema capitalista, não há incentivo para uma mudança radical na ordem social existente, seja através das relações de gênero ou do imperialismo, pois isso poderia interferir significativamente na acumulação inicial de capital. 	<p><u>Nível teórico</u> (como o trabalho de cuidado é fundamental para manter a força de trabalho saudável e apta)</p> <p><u>Nível empírico</u> (através dos relatos das dificuldades das mulheres migrantes em acessar serviços de saúde, lidar com a falta de medicamentos em seu país de origem, enfrentar insegurança alimentar e trabalhar em condições insalubres).</p>	<ul style="list-style-type: none"> enfrentamento direto da discriminação e da exploração. garantia de acesso equitativo a serviços essenciais e oportunidades dignas. valorização e socialização do trabalho de cuidado. organização e luta de classe.
Moraes LCG, 2021	Vogel defende que: <ul style="list-style-type: none"> a busca por similaridades ou paralelismos nas dimensões da diferença “raça, classe e gênero” minimiza as particularidades. a década de 1980 foi marcada por um clima político conservador e pela derrocada de muitos movimentos sociais radicais. Isso fez com que o trabalho intelectual feminista em geral sofresse uma série de restrições e pressões profissionais, o que também impactou na perda de relevância do pensamento socialista para a teoria feminista como um todo. 	A saúde é vista como parte da realidade concreta que se busca compreender e transformar, sendo influenciada pela dinâmica integrada da produção e reprodução social e pelas particularidades históricas e estruturais das opressões.	<ul style="list-style-type: none"> processo revolucionário que exige a compreensão das relações sociais no capitalismo em sua totalidade integrada. luta simultânea e inseparável contra o capitalismo, o patriarcado, o racismo e todas as formas de opressão.
Ruas R, 2020	Vogel foi: <ul style="list-style-type: none"> pioneira ao tentar elaborar uma teoria unitária no mesmo nível de abstração de <i>O Capital</i> de Marx, focando na produção da força de trabalho. 	Concepção integrada das relações sociais onde a saúde não é vista de forma isolada, mas como um elemento crucial da reprodução da força de trabalho e da vida cotidiana da classe trabalhadora, intrinsecamente ligado às dinâmicas de exploração, opressão, e à crise estrutural do capitalismo	<ul style="list-style-type: none"> resgatar a noção de que a força motora do capitalismo é o trabalho humano e expandir a visão da produção e do trabalho. propor uma noção ampliada da categoria “classe trabalhadora” ao teorizar de maneira integrada o trabalho reprodutivo e produtivo.

			<ul style="list-style-type: none"> ▪ demonstram que, nas sociedades capitalistas, as atividades de reprodução estão especificamente subordinadas à lógica do capital. ▪ identificar o ponto da reprodução social como um local privilegiado do conflito de classe. ▪ reconstruir o significado da categoria “classe trabalhadora” ou “proletariado”. ▪ oferecer uma chave interpretativa única para analisar a interrelação entre as múltiplas relações sociais (gênero, raça, classe, sexualidade).
Grecco FS, 2018	<p>Vogel desenvolveu:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ a “teoria unitária” que se contrapõe às teorias de "dois sistemas", que separavam o patriarcado e o capitalismo. ▪ partindo de <i>O Capital</i> de Karl Marx, uma explicação teórica unitária e integrada tanto da opressão às mulheres quanto do modo de produção capitalista. ▪ a expansão do alcance conceitual das principais categorias de Marx em suas ausências teóricas. ▪ uma análise que foi além de Marx ao questionar de que maneira essa mercadoria (a força de trabalho) seria ela mesma produzida e reproduzida socialmente. ▪ similarmente a Saffioti, a ideia de que embora a força de trabalho seja uma mercadoria, ela não seria produzida de maneira capitalista. A família da classe trabalhadora seria o local social dessa (re)produção, ocorrendo sem a mercantilização direta. A família produziria valores de uso, mas não mercadorias que gerariam mais-valor pela venda. ▪ que a opressão das mulheres giraria em torno da importância social do trabalho doméstico para o capital, configurando uma relação estrutural entre o lar e a reprodução do capital. ▪ uma agenda de pesquisa singular dentro do paradigma da TRS. Essa agenda inclui o desenvolvimento teórico da noção de reprodução da força de trabalho como mercadoria especial de Marx, a utilização da teoria unitária (em vez de duplos ou triplos sistemas) e a fundamentação em uma noção de classe como relação social indissociável das dimensões racializadas, generificadas e sexualizadas. 	Lente para entender como as questões de saúde pública e as práticas de cuidado profissional (ou a falta delas) estão intrinsecamente ligadas à dinâmica de acumulação capitalista e às desigualdades sociais, de gênero e raciais.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ transformação da estrutura da divisão sexual do trabalho. ▪ valorização e reconhecimento do trabalho de cuidado. ▪ reivindicação de um Estado mais justo e serviços públicos universais. ▪ luta social e resistência coletiva. ▪ fortalecimento dos movimentos feministas.
Silva DJ, 2018	<p>Vogel é:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ mais fiel às categorias marxianas e mais frutífera para a compreensão da experiência soviética e do encontro entre marxismo e feminismo. ▪ citada ao elencar os três aspectos do “trabalho necessário” realizado de forma doméstica: a manutenção direta dos produtores (trabalhadores), a manutenção dos não-trabalhadores (crianças, idosos, doentes) e a reposição geracional (biológica) da classe trabalhadora, observando que, em tese, apenas o último requer uma mínima divisão sexual do trabalho. 	Políticas de cuidado socializado, direitos reprodutivos como o aborto, proteção à maternidade, e a análise de como a organização do trabalho de reprodução social (que engloba cuidados de saúde/manutenção).	<p>Nos dias atuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ conquista de direitos legais e sociais, a inclusão igualitária na produção e na vida pública. ▪ socialização e desprivatização do trabalho de reprodução social. ▪ superação da divisão sexual do trabalho e da dicotomia entre as esferas produtiva e reprodutiva. <p>Os limites da experiência soviética:</p>

-
- defensora de uma teoria unitária entre feminismo e marxismo, polemizando com as feministas que defendem um sistema dual (capitalismo e patriarcado). Ela argumenta que, sob o capitalismo, não é possível falar em um “sistema patriarcal” autônomo que funcionaria por suas próprias leis.
 - crítica à separação entre produção e reprodução, assim como a divisão sexual do trabalho, pois são manifestações empíricas da necessidade estrutural do capital de reproduzir a classe trabalhadora. A fonte da opressão das mulheres no capitalismo seria a dependência deste em relação à esfera/tarefas/trabalho de reprodução, sendo a divisão sexual do trabalho uma consequência dessa dependência, não a causa.
 - crítica à questão do trabalho reprodutivo em sociedades socialistas, pois sugere que o caminho deveria ser a diminuição do trabalho doméstico pela socialização e a organização do trabalho remanescente em bases iguais entre homens, mulheres e crianças.

- o retrocesso stalinista que reinstaurou a responsabilidade privada pela reprodução apesar da inserção no trabalho assalariado.

Fonte: elaboração dos autores.

Discussão

Entre os temas de análise, vários subtemas podem ser construídos para integrar o conteúdo no intuito de facilitar a análise dos artigos revisados, conforme a organização temática a seguir: a) métodos usados dos estudos revisados; b) características da Teoria da Reprodução Social (TRS) em Lise Vogel; c) aproximações da TRS em Vogel com a dimensão ‘saúde’; e d) Caminhos para emancipação feminina apresentada pelos artigos revisados.

Métodos usados dos estudos revisados

Em relação aos métodos utilizados nos estudos, houve a predominância do uso de metodologias qualitativas diferentes e apenas um estudo que utilizou a metodologia quantitativa nos estudos revisados, com variações apenas sobre as técnicas utilizadas que podem ser sintetizadas em 3 grupos.

O primeiro grupo foi composto pelo grupo de artigos que usaram a ‘pesquisa teórico-bibliográfica’. Vários artigos se basearam em revisões e análises de literatura para desenvolver seus argumentos teóricos, traçar históricos de debates e sistematizar conceitos. O artigo de Gomes (2024) apresentou a necessidade de expansão dos estudos e pesquisas sobre a TRS no Brasil, especialmente após a recente tradução e publicação da obra principal de Tithi Bhattacharya, que tem ampliado as produções intelectuais sobre o tema em língua portuguesa – por isso o uso de uma revisão teórica. Os pesquisadores Borrego (2024), Ruas (2020), Grego (2018), Silva (2018), empregaram o método de análise crítico-teórica da literatura, com foco na Teoria da Reprodução Social, visando uma abordagem crítica das realidades sociais que analisam (neoliberalismo, experiência soviética, teoria marxista ortodoxa), buscando desvelar as contradições e os mecanismos de opressão e exploração.

O segundo grupo se caracterizou pela ‘entrevista semi-estruturadas’ como no caso de Cintra (2024) que apresentou um estudo sobre a migração feminina venezuelana no Brasil e utilizou cinco entrevistas semi-estruturadas online com mulheres venezuelanas. Um ponto importante a ser destacado é de que o objetivo no qual as entrevistas foram feitas era para analisar e debater a adequação e suficiência da Política Municipal de Imigrantes da cidade de São Paulo. Contudo, os relatos – que só poderiam ser coletados e analisados por e entrevistas desta natureza –, em vários momentos, denotam como os elementos da TRS se relacionam com as suas vivências enquanto pessoas migrantes do Sul Global.

O terceiro grupo foi composto pelo ‘método dialético’ como no caso de Moraes (2021) que defende abertamente o materialismo histórico-dialético como uma arma teórica e política do feminismo marxista, que através da proposta da ontologia integrativa e teoria unitária crítica às abordagens de “sistemas duplos ou triplos” (como capitalismo e patriarcado separados). Em vez disso, propõe uma ontologia integrativa e uma teoria unitária que busca explicar o que o autor batiza de ‘experiência diferenciada-mas-unificada das múltiplas opressões’.

Características da Teoria da Reprodução Social (TRS) em Lise Vogel

Após a revisão dos estudos analisados, é possível afirmar que todos os textos empregam a TRS como um instrumento de análise histórica e política, seja para compreender a dinâmica atual do capitalismo neoliberal ou para analisar experiências históricas como a soviética, apontando tanto os acertos quanto os limites das políticas de libertação das mulheres.

Os estudos de Grecco (2018), Ruas (2020), Moraes (2021) e Gomes (2024) compartilham a crítica de Vogel à Marx que naturalizou o trabalho feminino familiar e não percebeu a relevância do trabalho doméstico e de cuidados para a reprodução capitalista, o que é visto como uma ‘profunda contradição em sua obra’. Contudo, se formos à Marx. – em sua obra por inteiro (nos textos esparsos dos “*Manuscritos Econômicos-Filosóficos de 1844*”, por exemplo) – mas, especialmente, em “*O Capital*”, é possível perceber que há relatos sobre a condição das mulheres em desvantagem em relação aos homens e, ainda, como a opressão pela condição feminina era sempre pior quando comparado com a condição masculina. No entanto, é claro que não se pode dizer que no pensamento marxiano há uma “teoria feminista ou de gênero” – o que, de certo, seria um absurdo – mas, dizer que Marx, no desenvolvimento do seu pensamento ignorava as diferenças entre homens e mulheres ou que, ainda, desconsiderava o trabalho reprodutivo nas domesticidades (só pra pensar o caso da análise de Engels – em “*A situação da Classe trabalhadora na Inglaterra*”) é, no mínimo, um ato de má-fé ao pensamento marxiano-engelsiano. Mesmo assim, é interessante perceber que este diálogo possibilitou que intelectuais ampliassem ou complementassem aspectos desenvolvidos na obra de Vogel (2014), propondo um reposicionamento do campo marxista em relação aos debates sobre classe, opressões, identidades e a questão ambiental. Isto traduz um esforço de recuperar e desenvolver a teoria de Marx na direção específica de compreender a conexão entre as relações sociais, econômicas e extraeconômicas, destacando como as

categorias de opressão são produzidas de forma simultânea e imbrincada à produção de mais-valia e, assim, não podem ser hierarquizadas.

Em relação ao reconhecimento do trabalho reprodutivo no artigo de Greco (2018) e Borrego (2024), as autoras apontam que Vogel realça a importância do trabalho reprodutivo, que abrange os cuidados com a casa, filhos, idosos e outros membros da família, esse trabalho é frequentemente realizado de forma não assalariada ou precarizada, mesmo quando terceirizado. Para Vogel, o trabalho reprodutivo é indispensável para a acumulação primitiva de capital, pois sem ele, os trabalhadores não estariam aptos a vender sua mais-valia.

Nos estudos de Ruas (2020), Cintra (2024) e Silva (2018), os autores interpretam em suas leituras que a divisão sexual do trabalho e a opressão é analisada por Vogel como o ‘fardo do trabalho reprodutivo’ que recai desproporcionalmente sobre as mulheres e como essa desvalorização se relaciona com a acumulação de capital. Para ela, a fonte da opressão das mulheres não é o trabalho doméstico em si, a divisão sexual do trabalho ou a família, mas a dependência do capital em reproduzir-se a partir da relação dele com os processos biológicos específicos das mulheres. A divisão sexual do trabalho seria uma consequência dessa dependência e não a causa da opressão, levando-nos, inexoravelmente, à questão do aborto. Borrego (2024) argumenta que a questão do aborto e a opressão reprodutiva das mulheres não são secundárias, mas sim elementos estruturais e econômicos intrinsecamente ligados à lógica do capital e à hegemonia neoliberal. Embora o artigo não use exatamente essas mesmas palavras, ele defende a ideia de que o controle da reprodução da força de trabalho, e, portanto, da vida reprodutiva das mulheres, é de interesse do capital (via Estado) na medida em que tem relação direta ou indireta na reprodução biológica da força de trabalho disponível para com a acumulação capitalista.

Sobre a teoria unitária, Ruas (2020) discorre sobre como Vogel foi a pioneira ao tentar elaborar uma teoria no mesmo nível de abstração de *O Capital* de Marx, focando na produção da força de trabalho. Sua “teoria unitária” se contrapõe diretamente às teorias de ‘dois sistemas’, que separavam o patriarcado e o capitalismo, como a ‘crítica dualista’ elaborada por Hartmann e Molyneux que acreditam na separação das opressões entre gênero e classe de maneira absoluta. Lise Vogel, diferentemente dos autores anteriormente citados, compreende a opressão de gênero em interação complexa com a exploração de classe, por isso a busca em explicar, de forma unitária, esta inter-relação, sendo, portanto, radicalmente coerente com os postulados – como a ‘totalidade’ por exemplo – no método dialético em Marx. Assim, partindo de *O Capital* de Karl Marx, ela

desenvolveu uma explicação teórica unitária e integrada tanto da opressão às mulheres quanto do modo de produção capitalista. Ela expandiu o alcance conceitual das principais categorias de Marx, indo além dele ao questionar como a força de trabalho, como mercadoria, seria ela mesma produzida e reproduzida socialmente. Segundo Greco (2018) Vogel, similarmente a Saffioti em “*Emprego doméstico e capitalismo*”, defende que, embora a força de trabalho seja uma mercadoria, ela não é produzida de maneira capitalista, sendo a família da classe trabalhadora o local social dessa (re)produção, que ocorre sem mercantilização direta¹. A família produziria valores de uso, mas não mercadorias que gerariam mais-valor pela venda. Assim, a opressão das mulheres giraria em torno da importância social do trabalho doméstico para o capital, configurando uma relação estrutural entre o lar e a reprodução do capital.

Aproximações da TRS em Vogel com a dimensão ‘saúde’

Os autores abordam a dimensão da saúde de forma interconectada com processos sociais, econômicos e políticos, apresentando várias proximidades em suas perspectivas. As similaridades discutidas pelos autores quanto à saúde como parte integral da reprodução social, a reprodução da força de trabalho e a centralidade do trabalho de cuidado (remunerado e não-remunerado) ressoam fortemente com as contribuições teóricas de Lise Vogel.

Primeiramente, há um consenso de que a saúde é uma parte intrínseca e fundamental das atividades de reprodução social. Gomes (2024) a descreve como parte integrante tanto do trabalho de cuidado não-remunerado, ou cuidado não-profissional (familiar, doméstico, de idosos) quanto dos serviços públicos assalariados de saúde. Moraes (2021) corrobora, afirmando que a saúde é parte da realidade concreta a ser compreendida e transformada, sendo influenciada pela ‘dinâmica integrada’ da ‘produção e reprodução’ social. Ruas (2020) vai além, concebendo a saúde não isoladamente, mas como um elemento crucial para a reprodução da força de trabalho e da vida cotidiana da classe trabalhadora em sua articulação biológico-social. De forma similar, Silva (2018) discute como a organização do trabalho de reprodução social engloba os cuidados de saúde e sua manutenção.

Em segundo lugar, a saúde é consistentemente ligada à força de trabalho e às

¹ Mas uma pergunta que fica em aberto neste debate é que, se assim o é, como se reproduz a classe trabalhadora não-mercantilmente se muito dos serviços que servem para qualificar para o trabalho essa classe são mercantilizados? – educação, por exemplo?

condições de trabalho e vida. Cintra (2024) enfatiza que o trabalho de cuidado é fundamental para manter a força de trabalho saudável e apta, evidenciando em nível empírico as dificuldades de mulheres migrantes em acessar serviços de saúde e lidar com condições insalubres de trabalho. Essa relação é reforçada por Ruas (2020), que vê a saúde como um componente vital na reprodução da força de trabalho feminina muito mais importante em função de sua condição de opressão.

Essa discussão já se desenvolvia no campo da saúde coletiva, à luz da análise de Sérgio Arouca. Em *‘O dilema preventivista’* Arouca descortina como o discurso preventivista que advoga pelo uso de ações médicas para identificar doenças em fases subclínicas, pode ser objeto da ideologia liberal e da mercantilização. Ou seja, o discurso preventivista se molda à necessidade de gerar uma massa de trabalhadores *sempre submissa* às condições de exploração. A eficiência das práticas preventivas choca-se, em última instância, com a base fundamental do modo capitalista de produção, já que ‘o uso atribuído à vida como força de trabalho a ser consumido no processo produtivo é o núcleo gerador fundamental das patologias’, por isso ‘prevenir o adoecer’ é uma estratégia de disponibilidade constante da força de trabalho apta e saudável.

Uma terceira similaridade reside na compreensão da saúde como uma questão de saúde pública e na sua relação com os serviços e sistemas públicos. Borrego (2024) classifica o aborto explicitamente como uma ‘questão de saúde pública’, apontando seus impactos diretos na mortalidade materna e nos custos para o sistema público, bem como nas barreiras de acesso aos serviços de saúde. Grego (2018) utiliza a saúde como uma lente para entender como as questões de saúde pública e as práticas de cuidado profissional se conectam com as dinâmicas sociais, enquanto Cintra (2024) destaca as dificuldades de acesso a esses serviços. Embora a análise central é a precariedade e a negação do acesso a serviços básicos de saúde para mulheres migrantes venezuelanas, estudos apontam que as mulheres apresentam maior morbidade referida e utilizam mais serviços de saúde do que os homens na maioria dos indicadores e faixas etárias. Segundo o estudo de Pinheiro et al (2002) essa maior procura feminina está associada à saúde reprodutiva e à busca por cuidados preventivos. Estudo mais recentes como de Cobo et al (2021) apontam também como o acesso das mulheres aos serviços de saúde é mais frequente e preventivo, impulsionado por suas especificidades biológicas e reprodutivas, mas também profundamente moldado por papéis de gênero, responsabilidades de cuidado e condições sociais, que as levam a uma maior percepção da morbidade e, paradoxalmente, a uma menor chance de sucesso na primeira tentativa de atendimento

para condições menos urgentes.

Além disso, vários autores convergem na ideia de que a saúde é profundamente influenciada por estruturas macroeconômicas e sociais, como o capitalismo, o neoliberalismo e as desigualdades. Borrego (2024) nota como a lógica neoliberal impacta a provisão de serviços de saúde, o que corrobora com estudos que apontam uma reestruturação que se caracteriza pela crescente participação do setor privado, subfinanciamento do setor público e fragmentação da governança, como apontam Sampaio e Furbino (2025) em relação à promessa de eficiência na saúde pública, que acabam resultando em sistemas fragmentados, desiguais e com baixa capacidade de resposta adequada a crises sanitárias, evidenciando a necessidade de priorizar a equidade, a universalidade e a promoção da saúde como um direito fundamental, em detrimento da lógica de mercado. Em continuidade, Moraes (2021) ressalta que a saúde das mulheres é afetada pelas particularidades históricas e estruturais das opressões. Ruas (2020) conecta a saúde intrinsecamente às dinâmicas de exploração, opressão e à crise estrutural do capitalismo. De maneira complementar, Grego (2018) destaca a ligação entre as questões de saúde pública e a dinâmica de acumulação capitalista, bem como as desigualdades sociais, de gênero e raciais.

Carnut e Mendes (2022) ao revistar a obra de Braga e Paula (dois economistas da saúde fundacionais do campo) convergem fortemente na ideia de que a saúde é profundamente influenciada por estruturas macroeconômicas e sociais, como o capitalismo e o neoliberalismo e as desigualdades que deles decorrem. A crítica de Braga e Paula, desenvolvida originalmente em 1981 e reatualizada no artigo, posiciona a saúde não como um problema isolado ou meramente técnico, mas como um elemento intrinsecamente ligado às relações sociais de produção e à dinâmica do capital, sendo um produto dele.

Por fim, a importância do ‘trabalho de cuidado’ como um componente central da saúde e da reprodução social é um tema recorrente. Gomes (2024) menciona o trabalho de cuidado não-remunerado, Cintra (2024) o vê como fundamental para a saúde da força de trabalho sem o qual este trabalhador/a não se reproduziria, Grego (2018) discute as práticas de cuidado profissional e Silva (2018) aborda as políticas de cuidado socializado e a organização do trabalho de reprodução social que inclui cuidados de saúde/manutenção. Especificamente, Borrego (2024) e Silva (2018) destacam a questão dos direitos reprodutivos, como o aborto, como um tema relevante no campo da saúde pública e do cuidado.

Sobre o ‘cuidado não-remunerado’ Leite (2023), em seu estudo explora como a inserção das mulheres no mercado de trabalho remunerado é marcada por preconceitos e desvalorização herdados dessa concepção de que o cuidado é uma “disposição natural” feminina, o que é a fonte de sua precariedade. Citando Hirata (2022), a autora define o cuidado como um "trabalho material técnico e emocional" que abrange um conjunto de atividades e relações concretas para responder às necessidades de outras pessoas, implicando responsabilidade pela vida e bem-estar alheios. Assim, por ser um trabalho reprodutivo, é tido como “desprovido de valor”, no qual o ‘cuidar da saúde’ dos membros da família é uma dessas dimensões da reprodução. Essa atividade, no entanto, foi profundamente naturalizada como inerente à posição feminina e, a partir do séc. XIX, o capitalismo hierarquizou e separou o trabalho produtivo do reprodutivo, relegando as mulheres à vida privada e não garantindo remuneração pelas atividades de cuidado, apesar de serem fundamentais para a reprodução das famílias e da sociedade. Essa divisão iníqua foi justificada sob o argumento de que as mulheres realizavam esse trabalho "por amor", o que, segundo Leite, encobriu uma situação de limitação da liberdade, autonomia e abuso de seus tempos, corpos e vontades.

Caminhos para emancipação feminina apresentada pelos artigos revisados

Os artigos revisados delineiam uma série de caminhos interconectados para a emancipação feminina, ancorados numa crítica profunda às estruturas de opressão e na busca por uma transformação social abrangente. Esses caminhos podem ser compreendidos em três eixos principais: a) a revalorização e integração do trabalho, b) a luta social e transformação estrutural, e c) a conquista de direitos e acesso a serviços.

Primeiramente, um dos caminhos mais proeminentes é a redefinição e revalorização do trabalho, particularmente o trabalho de cuidado e de reprodução social. Gomes (2024) aponta para a necessidade de uma integração do trabalho produtivo e reprodutivo, criticando a invisibilidade e a desvalorização do trabalho reprodutivo e o reconhecimento parcial do mesmo pelo Estado, sublinhando a necessidade de reconhecimento pleno e uma mudança social profunda sobre seu valor. É como se o trabalho de cuidado fosse não remunerado porque seria uma “externalidade” que não entra – e não poderá entrar – na conta do cálculo capitalista. Complementarmente, Ruas (2020) propõe uma noção ampliada da categoria “classe trabalhadora” ao teorizar de maneira integrada o trabalho reprodutivo e produtivo, buscando resgatar a noção de que a força motora do capitalismo é o trabalho humano e expandir a visão da produção à reprodução (que não deixa de ser

dispêndio de trabalho humano sexo-generificado). O autor também visa demonstrar que, nas sociedades capitalistas, as atividades de reprodução estão especificamente subordinadas à lógica do capital e identificar a reprodução social como um ponto privilegiado do conflito de classe, implica reconstruir o significado da categoria “classe trabalhadora” ou “proletariado” e oferecer uma chave interpretativa única para analisar a interrelação (consustancialidade-coextensividade) entre as múltiplas relações sociais (gênero, raça, classe, sexualidade).

A consustancialidade e coextensividade são conceitos fundamentais para o feminismo marxista, que defendem que as relações sociais de sexo, "raça" e classe são intrinsecamente ligadas e inseparáveis. Não são meramente sobrepostas ou adicionais, mas formam um "nó" que não pode ser sequenciado no nível das práticas sociais, apenas analisado separadamente em uma perspectiva sociológica. Essas relações se implantam, se reproduzem e se coproduzem mutuamente. Essa abordagem, adotada por Mirla Cisne (2018), baseia-se em Kergoat (2008, 2010, 2012) e Saffioti (2004), e implica que as contradições sociais de classe, "raça" e sexo estão "fundidas e enoveladas", adquirindo uma dinâmica própria onde a transformação de uma impacta as outras. Tendo como as principais implicações dessa interconexão: a força de trabalho é inseparável do corpo, e a exploração é definida pelas relações de classe, "raça" e sexo; relações de sexo e "raça" são cruciais para entender a exploração no trabalho, especialmente o "trabalho desvalorizado" ou "feminino", onde mulheres frequentemente enfrentam condições precárias, informalidade, abuso e baixos salários; o capitalismo se beneficia dessas apropriações (via "raça" e sexo) para ter acesso a mão de obra com os mais baixos salários, ampliando sua capacidade de exploração; as discriminações de sexo e "raça" no trabalho não são problemas isolados de mulheres ou pessoas negras, mas sim elementos fundamentais da dominação da classe operária como um todo; a classe trabalhadora não é homogênea, mas permeada por relações de sexo e "raça", que o capitalismo usa para "dividir para reinar".

Dando sequência, a transformação da estrutura da divisão sexual do trabalho é destacada por Grego (2018) e reforçada por Silva (2018) com a exigência de superação da divisão sexual do trabalho e da dicotomia entre as esferas produtiva e reprodutiva. A valorização e socialização do trabalho de cuidado são consistentemente propostas por Cintra (2024) e Grego (2018), com Silva (2018) complementando com a ideia de socialização e desprivatização/desdomestização do trabalho de reprodução social.

Em segundo lugar, a luta social e a transformação estrutural são vistas como

essenciais. Cintra (2024) enfatiza o enfrentamento direto da discriminação e da exploração e a organização e luta de classe como fundamentais para a emancipação. Moraes (2021) defende um processo revolucionário que exige a compreensão das relações sociais no capitalismo em sua totalidade integrada, propondo uma luta simultânea e inseparável contra o capitalismo, o patriarcado, o racismo e todas as formas de opressão. A luta social e a resistência coletiva, juntamente com o fortalecimento dos movimentos feministas são caminhos essenciais para Grego (2018). Borrego (2024) destaca a luta pela autonomia e justiça reprodutiva como central, o que implica o questionamento das bases/fundamentos da reprodução social no capitalismo e a desconstrução da ideia de “cortina de fumaça” e a crítica ao capitalismo neoliberal. A autora discute o aborto sob uma perspectiva crítica, desconstruindo a ideia de que o debate sobre esse tema seria uma “cortina de fumaça” trazendo notoriedade ao Projeto de Lei (PL) 1904/2024, conhecido como “PL da gravidez infantil” ou “PL do estupro”, que busca equiparar o aborto realizado após a 22ª semana de gestação ao crime de homicídio simples (mesmo nos casos previstos em lei, como estupro), gerando forte mobilização contrária ao campo progressista que estaria voltada ao avanço da austeridade ou a disputa pelo fundo público. Para Borrego noção da “cortina de fumaça” é uma forma implícita de validar para onde deveríamos canalizar as energias/tempos das nossas reivindicações e lutas mais urgentes.

Por fim, a conquista de direitos e o acesso a serviços emergem como componentes vitais da emancipação. Cintra (2024) aponta para a garantia de acesso equitativo a serviços essenciais e oportunidades dignas. Grego (2018) reivindica um Estado mais justo e serviços públicos universais. Silva (2018) salienta a conquista de direitos legais e sociais e a inclusão igualitária na produção e na vida pública como conquistas importantes nos dias atuais.

Limites desta revisão

Este artigo, com base na metodologia adotada, buscou sintetizar e refletir criticamente o conhecimento disponível a partir da seleção de artigos científicos que dialogam com a obra e o pensamento de Lise Vogel, especialmente no que se refere à TRS. Foram incluídos apenas textos acessíveis na íntegra e de forma gratuita, considerando que essa escolha se alinha à coerência ético-política da análise fundamentada na TRS, além de reforçar o compromisso com a socialização do conhecimento produzido.

No entanto, algumas limitações devem ser consideradas. A seleção dos artigos pode ter sido influenciada por vieses de publicação, o que compromete, em certa medida, a representatividade e a diversidade das abordagens disponíveis sobre a autora. Soma-se a isso a dificuldade de articular estudos que, embora relacionados ao pensamento de Lise Vogel, tratam de temáticas, contextos e métodos diversos, o que desafia a construção de uma análise mais coesa e comparável.

Implicações para políticas públicas

Este estudo apresenta contribuições relevantes para o aprofundamento do pensamento de Lise Vogel. Ao sintetizar e refletir criticamente sobre as produções acadêmicas disponíveis, o trabalho destaca nuances e interpretações que ampliam a compreensão dessa perspectiva, a TRS, oferecendo uma análise atualizada e contextualizada para o cenário contemporâneo.

Além disso, este estudo aponta para lacunas ainda existentes na literatura, sinalizando temas e aspectos pouco explorados que representam oportunidades para investigações futuras. Para pesquisadores que desejem dar continuidade ao debate, recomenda-se a exploração mais aprofundada das intersecções entre produção social, reprodução social, gênero e outras categorias sociais, bem como a aplicação da teoria em diferentes contextos históricos.

Dessa forma, esta pesquisa não apenas consolida conhecimentos já estabelecidos, mas também estimula o avanço crítico e interdisciplinar da teoria de Lise Vogel, abrindo caminhos para um diálogo contínuo e para a formulação de políticas públicas mais efetivas, que reconheçam e valorizem as dimensões da TRS, por meio dos caminhos para emancipação feminina sistetizados nesta revisão que visam, ainda que seja por dentro do Estado, a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Avanços desta revisão e agenda de pesquisa

A literatura científica, conforme revisado no estudo, apresenta a saúde na obra de Lise Vogel de forma interconectada com processos sociais, econômicos e políticos, destacando várias proximidades em suas perspectivas. A TRS de Lise Vogel é ancorada na relação entre o capitalismo e a opressão às mulheres, buscando elucidar como a dinâmica de acumulação de capital cria e renova relações hierárquicas e opressivas. A teoria unitária propõe ampliar a investigação sobre os processos ligados à manutenção e regeneração da força de trabalho que não foram totalmente explorados nas obras de Marx.

Para Vogel, as atividades essenciais para a reprodução da força de trabalho constituem a base do sistema capitalista, garantindo tanto a manutenção dos trabalhadores quanto a continuidade do sistema e essas atividades são feitas majoritariamente por mulheres, cujo trabalho é frequentemente desvalorizado, com baixa ou nenhuma remuneração.

Alguns pontos importantes a serem destacados em relação à dimensão saúde podem ser compreendidos a partir das seguintes reflexões:

- A saúde dos corpos das mulheres é uma parte considerável da existência da reprodução social.
- A saúde aparece como parte integrante tanto do trabalho de cuidado não remunerado (familiar, doméstico, de idosos) quanto dos serviços públicos assalariados de saúde.
- A saúde é profundamente influenciada por estruturas macroeconômicas e sociais, como o capitalismo, o neoliberalismo e as desigualdades. A lógica neoliberal impacta a provisão de serviços de saúde, resultando em sistemas fragmentados, desiguais e com baixa capacidade de resposta à promoção, prevenção, proteção, manutenção e recuperação da saúde de todos, sendo, portanto, todas essas dimensões do cuidado profissional em saúde mercantilizados. Uma vez mercantilizados, a mediação feita pela capacidade de pagamento restringe o acesso.
- Questões como o aborto e a opressão reprodutiva das mulheres são elementos estruturais e econômicos intrinsecamente ligados à lógica do capital e tratados disfarçadamente como problemas ético-morais ou, na melhor das hipóteses, como problemas meramente sanitários. A hegemonia neoliberal intensifica essa visão ideologicamente assentada na tríade eticidade-moralidade-salubridade, sendo de interesse do capital (via Estado) a reprodução social da força de trabalho pelo controle biológico da reprodução feminina o que impacta diretamente na liberdade e autonomia das mulheres sobre decidir a respeito de sua vida/saúde reprodutiva.
- A inserção das mulheres no mercado de trabalho remunerado é marcada por precariedades que se relacionam com a visão de um trabalho “não-produtivo” que lhes é reservada socialmente por questões de gênero. Admite-se socialmente que o trabalho feminino de cuidado com a saúde – por estar majoritariamente ligado ao processo de reprodução social, seja nas domesticidades ou na vida pública – é considerado com “menos valor”.

Portanto, a literatura científica nos revela que a saúde é parte fundamental da reprodução da força de trabalho, inextricavelmente ligada à opressão das mulheres e à lógica de acumulação capitalista, onde o trabalho de cuidado, em grande parte invisibilizado e desvalorizado, sustenta o sistema o qual vivemos.

Considerações finais

De acordo com os dados compilados nesta revisão é possível afirmar que a literatura científica apresenta poucos estudos sobre o trabalho de Lise Vogel sobre a TRS e exposição da dimensão ‘saúde’ neste processo sócio-reprodutivo. Este trabalho se propôs a analisar esta temática utilizando como metodologia uma revisão integrativa e crítica, visando ressaltar a dimensão ‘saúde’ que, por muitas vezes, fica escamoteada na compreensão do processo de reprodução social, mas que, na realidade, é essencial a sua própria existência. A integração dos dados foi operacionalizada pelo método da análise temática, tendo como limite a diversidade de estudos e métodos usados. Isto fez com que os conteúdos sobre o tema da revisão fossem muito ampliados em um conjunto de apenas 7 artigos incluídos nesta revisão.

Os achados desta revisão reforçam a coerência interna da perspectiva da análise de Lise Vogel pela TRS com a categoria ‘totalidade’ em Marx. Isto porque, na análise de Vogel, a saúde no processo de reprodução social não está situada com um campo “a parte” ou ainda é vista de maneira fragmentada. Pelo contrário. Suas análises demonstram que a saúde é vista desde a perspectiva do sujeito-mulher no capitalismo que, enquanto sujeito sociobiológico tem sua condição de reprodução biológica (gerar filhos) como a reprodução social (trabalho doméstico/de cuidados) considerados como elementos essenciais para constituição biológico-social da classe trabalhadora (e sua força de trabalho devidamente apta à exploração). Assim sendo, quando a mulher prescinde o processo de reprodução nestes âmbitos anteriores é ela constrangida/forçada à renunciar sua liberdade (de não ter filhos ou de restringir-se às domesticidades).

Quando a mulher rompe com este lugar social de reprodução, o trabalho da mulher é capturado pela lógica da opressão de gênero no processo de divisão socio-sexual e sócio-técnico do trabalho. O trabalho formal sexo-generificado é tido como de “menor valor” pois é compelido à ocupar no mercado de trabalho lugares meramente reprodutivos (saúde, cuidados profissionais, etc.) que reforçam as condições de desigualdade entre homens e mulheres no mundo do trabalho capitalista arrastando consigo a naturalização ideologizada do “feminino” como menor. Ao ser explorada (capitalisticamente) e

oprimida (genericadamente) a possibilidade de doenças tendem a serem mediadas pela posição social, pelo lugar na divisão social do trabalho e pelas condições reprodutivas que a mulher assume. Assim, uma vez enferma, a mulher encontra-se mais vulnerável ao acesso a serviços de saúde pois, uma vez esses serviços de saúde mercantilizados, dificultam o acesso e comprometem a saúde geral e reprodutiva (tão desejado pelo Estado e fortemente protegido pelos programas materno-infantis de saúde pública para que essa reprodução aconteça).

Há, portanto, muito a avançar neste tema sobre a perspectiva da TRS no intuito de não cindir aspectos explicativos da realidade parcializando-as. É necessário avançar nos estudos que entendam a opressão das mulher e “do feminino” como algo intrinsecamente ligado às formas de exploração capitalista. Assim, Lise Vogel é uma autora essencial nesse debate.

Referências

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi. *Teoria da Reprodução Social: elementos fundamentais para um feminismo marxista*. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 13, n. 2, p. 619-651, maio-ago. 2023.

BHATTACHARYA, Tithi. *O que é a teoria da reprodução social?* Revista Outubro, São Paulo, n. 32, 1º sem. 2019.

BORDON, Letícia Gonçalves. *Expropriação capitalista, violência jurídica e reprodução social: um diálogo entre a teoria da reprodução social e a teoria da reprodução sócio-jurídica do capitalismo*. Revista Direito e Práxis, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 1-26, 2024.

BORREGO, Arellys Esquenazi. *Aborto, neoliberalismo e reprodução social: para além da aparência de uma “cortina de fumaça”*. Revista do PET Economia, p. 7-18, 2024.

BOTELHO, Liziane Lemos Ribeiro; CUNHA, Cláudia Cristina Araújo da; MACEDO, Marlene Oliveira. *O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais*. Gestão e Sociedade, Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.

CARNUT, Leonardo; MENDES, Antônio. *Pensamento econômico e saúde: a crítica de Braga e Paula à visão neoclássica revisitada*. Marxismos Latinoamericanos - Crítica Revolucionária, v. 2, n. e001, 2022.

CARNUT, Leonardo; MENDES, Antônio. *Pensamento econômico e saúde: a crítica de Braga e Paula à visão neoclássica revisitada*. Crítica Revolucionária, [S. l.], v. 2, n. e001, p. 1-32, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.14295/2764-4979-RC_CR.v2-e001. Acesso em: 04 ago. 2025.

CARNUT, Leonardo; MENDES, Antônio; MARQUES, Maria Cecília de Souza. *Outra narrativa no ensino da Reforma Sanitária Brasileira: o debate crítico de uma escolha*

política. [S.l.]: [s.n.], 2019. DOI: 10.1590/0103-11042019S810.

CINTRA, Andrea de Mello. *Migração feminina venezuelana no Brasil e a Teoria da Reprodução Social*. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL, 10.; ENCONTRO NACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL, 17., 2024, Vitória, ES. Anais do 10º Encontro Internacional de Política Social e 17º Encontro Nacional de Política Social, 2024. p. 1-16. ISSN 2175-098X.

CISNE, Mirla. *Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais*. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 132, p. 211-230, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.138>. Acesso em: 04 ago. 2025.

COBO, Betina; CRUZ, Carla; DICK, Pedro C. *Desigualdades de gênero e raciais no acesso e uso dos serviços de atenção primária à saúde no Brasil*. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 26, n. 9, p. 4021-4032, 2021.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. *Teoria da Reprodução Social em Tithi Bhattacharya*. Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – RIEC, v. 7, n. 2, p. 509-515, 2024.

GRECCO, Fabiana Sanches. *Trabalhos domésticos e de cuidados sob a ótica da Teoria da Reprodução Social*. Mediações, Londrina, v. 23, n. 3, p. 70-102, set./dez. 2018. DOI: 10.5433/2176-6665.2018v23n3p70.

LEITE, Marcia. *O trabalho de cuidado e a reprodução social: entre o amor, o abuso e a precariedade*. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 13, n. 1, p. 11-32, jan.-abr. 2023.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MORAES, Lívia de Cássia Godoi. *Relação entre universal, particular e singular em análises feministas marxistas: por uma ontologia integrativa*. PLURAL – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 132-158, jul./dez. 2021.

PERISSÉ, Adriana Regina de Souza; GOMES, Marcus Miranda; NOGUEIRA, Andréa Salles. *Revisões sistemáticas (inclusive metanálises) e diretrizes clínicas*. In: GOMES, Marcus Miranda (Org.). *Medicina baseada em evidências: princípios e práticas*. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso, 2001. p. 131-148.

PINHEIRO, Rosana Sampaio; VIACAVA, Francisco; TRAVASSOS, Cláudia; BRITO, Andréa Simone Gadelha. *Gênero, morbidade, acesso e utilização de serviços de saúde no Brasil*. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 687-707, 2002.

RUAS, Rhaysa. *Teoria da Reprodução Social: apontamentos para uma perspectiva unitária das relações sociais capitalistas*. Revista Direito e Práxis, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 379-415, 2020. DOI: 10.1590/2179-8966/2020/46086.

SAFFIOTI, Heleieth. *Emprego doméstico e capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1978.

SILVA, Danielle Jardim da. *Avanços e limites da contribuição soviética para a libertação das mulheres: Apontamentos a partir do pensamento de Alexandra Kollontai*. 2018.

VOGEL, Lise. *Marxismo e a opressão das mulheres: rumo a uma teoria unitária*. Tradução de André Langer. São Paulo: Boitempo, 2014.